

## A industrialização de Juiz de Fora

**Anderson Pires**<sup>1,2</sup> (DS), [apires@terra.com.br](mailto:apires@terra.com.br)

1. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG;
2. Doutor em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP).

**RESUMO:** O objetivo deste artigo é analisar o processo de industrialização da cidade de Juiz de Fora entre o final do século XIX e o início do século XX. Entendemos que esse processo caracterizou-se mais por fatores endógenos, tal como o crédito e a inversão de capitais via produção cafeeira, do que por fatores exógenos, tal como qualificou a historiografia mais tradicional, isto é, como mera continuidade e reflexo da produção fluminense. Trabalhamos com fontes cartoriais e outras que começaram a ser organizadas e disponibilizadas para pesquisa por iniciativas várias desde meados dos anos 1980. Muito mais próximas da realidade histórica do município, estas fontes têm permitido uma verdadeira reviravolta nas interpretações relativas à história Econômica e Social do município.

**Palavras-chave:** Economia cafeeira, processo de industrialização, Minas Gerais.

**ABSTRACT:** The aim of this article is to analyze the process of industrialization of the city of Juiz de Fora between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. We understood that that process was characterized more by endogenous factors, just as the credit and the inversion of capitals through coffee production, that for exogenous factors, the most traditional historiography qualified,

as mere continuity and reflex of the production of the state of Rio de Janeiro. We worked with sources from notary offices and others that began to be organized and made available for research by diverse initiatives from middles of the 1980s. Much closer of the historical reality of the city, these sources have allowed a true turn in the relative interpretations to the Economical and Social history of the city.

**Key-words:** Juiz de Fora, industrialization process, coffee economy.

## Introdução

A questão da relação entre o processo de industrialização de Juiz de Fora e suas eventuais articulações com o desenvolvimento da cultura de exportação cafeeira já foi objeto de um certo número de estudos que, de uma forma geral, têm negado uma participação importante desta estrutura de produção agroexportadora no processo de diversificação industrial que o município viveu principalmente entre o final do século XIX e o início do século XX<sup>1</sup>. Assumindo como ponto de partida para a sua análise uma visão normalmente alheia aos aspectos regionais mais importantes que caracterizam a cidade e seu contexto histórico e geográfico imediato – não apenas a região da Mata mineira como também o conjunto do estado de Minas Gerais - esta tendência historiográfica tem sido, nos meios acadêmicos, a mais aceita e como várias de suas afirma-

- 1 Ver, entre outros, os seguintes trabalhos: LIMA, J. H. **Café e indústria em Minas Gerais (1870-1920)**. Rio de Janeiro: Vozes, 1981; GIROLETTI, D. **A industrialização de Juiz de Fora**. Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, 10 (3):144-202, 1980 e ARANTES, L.A. **As origens da burguesia industrial de Juiz de Fora – 1858/1912**. Dissertação de Mestrado, UFF, Niterói, 1991. CANO, W. Padrões Diferenciados das Principais Regiões Cafeeiras. In: **Revista Estudos Econômicos**, São Paulo, 15(2):291-306, mai/ago. 1985. IPE/USP; WIRTH, J. **O fiel da balança: Minas Gerais na Confederação Brasileira – 1889-1937**. São Paulo: Paz e Terra, 1982; MARTINS, R. 1982. **A economia escravista em Minas Gerais no século XIX**. CEDEPLAR/UFMG, Belo Horizonte; MARTINS, R. e MARTINS, A. Slavery in a Nonexport Economy: Nineteenth-Century Minas Gerais Revisited. **Hispanic American Historical Review**, 63(3), 537-568, 1983 e VERSIANI, M.T. **The Cotton Textile Industry of Minas Gerais, Brazil: Beginnings and Early Development, 1868-1906**. Phd. Thesis, University College, London, 1991.

ções são hoje objeto de críticas e qualificações por parte de uma produção mais recente<sup>2</sup> convém nos determos, inicialmente, nas bases de sua argumentação.

A primeira consideração importante por parte destas interpretações se refere ao regime de propriedade fundiária que teria marcado a cafeicultura de Juiz de Fora e da zona da Mata. De uma maneira geral, estes estudos ressaltam o predomínio de pequenas unidades produtoras, o que teria provocado de imediato uma pulverização do excedente econômico gerado pela produção cafeeira na região, limitando de forma significativa a capacidade de retenção destes recursos no âmbito dos agentes identificados com esta estrutura de produção – os fazendeiros de café - e, por extensão, sua capacidade de acumulação e investimentos de capital, que teria se restringido, no máximo, às inversões necessárias a continuidade da própria produção de café, inviabilizando seu “estorno” para outras atividades produtivas, principalmente aquelas vinculadas ao universo urbano industrial da economia. Sendo assim, o que chamamos de “*capital agrário*” se marcaria essencialmente por uma fragilidade básica e sua suposta ausência nas inversões em setores “não cafeeiros” teria comprometido não apenas o movimento de industrialização e diversificação da economia regional, mas junto com ele o próprio processo geral de expansão capitalista que se coloca como o pano de fundo essencial da transformação então em curso.

Além destas limitações para a retenção de recursos na esfera, digamos, “microeconômica” das estruturas regionais, outras características teriam inviabilizado a retenção dos mesmos recursos originados na produção agroexportadora, desta feita em âmbito “macroeconômico”, ou seja, se consideramos o conjunto do espaço histórico-regional conhecido como zona da Mata de Minas Gerais e eventuais fluxos inter-regionais de recursos entre espaços de produção distintos. Desta vez são os aspectos relacionados com a comercialização, financiamento e exportação do produto básico desta economia que são ressaltados. Constituindo-se como uma região interiorana, destituída de uma saída própria para o fluxo de suas exportações, a Mata mineira em grande medida teria se caracterizado pela ausência de um setor de comercialização externa em seu espaço sócio-econômico próprio, o que teria trazido como consequência mais importante a canalização da riqueza gerada pela produção cafeeira local para o centro de comercialização e financiamento localizado no Rio de Janeiro,

- 2 PIRES, A. **Capital agrário, investimentos e crise na cafeicultura de Juiz de Fora – 1870/1930**. Dissertação de mestrado, UFF, Niterói, 1993. RIBEIRO, M. **Negócios e famílias: mercado, terra e poder na formação da cafeicultura mineira – 1780/1870**. Tese de Doutorado, UFF, Niterói, 1999. SARAIVA, L.F. **Um correr de casas, antigas senzalas: a transição do trabalho escravo para o livre em Juiz de Fora - 1870/1900**. Dissertação de Mestrado, UFF, Niterói., ALMICO, R. **Fortunas em Movimento: um estudo sobre as transformações da riqueza pessoal em Juiz de Fora – 1870/1914**. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 2001.

que, desta forma, teria sido aquele que mais se beneficiaria da produção agrária de exportação de Juiz de Fora e região. Esta articulação “estrutural” com o mais importante centro urbano do país durante boa parte do período aqui em questão (que se estende da abolição da escravidão até a crise econômica de 1929) também tem sido considerada como uma identidade histórica, o que, mais uma vez, teria trazido conseqüências importantes para a caracterização da estrutura agroexportadora da Mata, desta vez no que se refere ao ciclo de produção da cultura de exportação, que definiremos aqui, grosso modo, como o conjunto dos períodos de implantação, apogeu e declínio da produção cafeeira em uma determinada região.

Percebida meramente como uma espécie de “*extensão produtiva*” do núcleo ou “complexo agroexportador” sediado no Rio de Janeiro, a economia cafeeira da Mata teria se identificado, em linhas gerais, com seu ritmo e dinâmica de produção, que, como se sabe, teve seu processo de decadência localizado no final do século XIX, principalmente a partir da abolição da escravidão<sup>3</sup>. Desta maneira, além dos condicionantes envolvidos com a forma de organização da produção agroexportadora, acima delineados, também a dinâmica da produção cafeeira local teria vivido seu “ocaso” exatamente na época em que as transformações estruturais mais importantes vividas pela economia brasileira constituíam as bases para a consolidação capitalista.

Levando em conta aspectos como estes, esta historiografia naturalmente vai ou desconhecer a própria ocorrência do processo de diversificação urbano-industrial na região<sup>4</sup>, ou, quando a reconhece, vai procurar sua explicação em condições que não estariam vinculadas diretamente à produção cafeeira da Mata mineira<sup>5</sup>. Em outras palavras, o não desenvolvimento de mecanismos próprios de retenção de excedente, seja no âmbito da esfera das unidades

- 3 GRANZIERA, R. **A Guerra do Paraguai e o capitalismo no Brasil**. Hucitec, São Paulo, 1979; FRANCO, M.S. **Homens livres na ordem escravocrata**. 3 ed. Kairós, São Paulo. STEIN, S. **Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba**. São Paulo: Brasiliense, 1969. SWEIGART, J. **Finance and Marketing Brazilian Export Agriculture: The Coffee Factors of Rio de Janeiro, 1850/1888**. PhD Thesis, University of Texas, 1980. Uma visão um tanto ou quanto diferenciada para a economia cafeeira do Rio de Janeiro no período se encontra em MELO, H.P. **O café e a economia do Rio de Janeiro: 1888/1920**. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.
- 4 Como parece ser o próprio caso de LIMA, J. H. **Café e indústria em Minas Gerais**. Op. cit.
- 5 Como parece ser o caso, por sua vez, de GIROLETTI, D. **A industrialização de Juiz de Fora**. Op. cit. e ARANTES, L.A. **As origens da burguesia industrial de Juiz de Fora**. Op. cit.

produtivas ou naquele da própria economia regional, além da fragilidade básica do processo de acumulação de capital no setor agroexportador, trouxeram como corolário, além da ausência de um movimento significativo de diversificação urbano-industrial, um outro aspecto, para nós de importância fundamental, que seria a inviabilização da própria delimitação da economia regional como espaço próprio, dotado de especificidades em seus aspectos básicos de identidade e delineamento estrutural, dinâmica e evolução econômicas, sendo considerada meramente como parte integrante do que uma autora chamou recentemente de “Zona Rio”<sup>6</sup>, mera continuidade da fronteira de expansão cafeeira da região agroexportadora do Rio de Janeiro.

## **II – Efeitos encadeadores e complexo periférico: as pré-condições para o desenvolvimento industrial**

É importante entender que boa parte destas interpretações se fundamentou num conjunto de fontes primárias de natureza oficial que, por sua própria natureza, não traz como parte de suas informações a possibilidade de se perceber a extrema variedade e complexidade das distintas regiões que vão compor historicamente o “mosaico mineiro”. Por outro lado, tivemos a oportunidade de ter acesso a outro tipo de fontes, de natureza *cartorial* e outras, que começaram a ser organizadas e disponibilizadas para pesquisa por iniciativas várias desde meados dos anos 1980. Muito mais próximas da realidade histórica do município, estas fontes têm permitido uma verdadeira reviravolta nas interpretações relativas à História Econômica e Social do município.

Desta forma, já no nosso primeiro trabalho de pesquisa<sup>7</sup> percebemos que muito do que vinha sendo afirmado não correspondia verdadeiramente à evolução histórica de Juiz de Fora e região. Se considerarmos, por exemplo, a estrutura da propriedade fundiária que fundamentou a economia agrária local percebemos que, longe do predomínio de pequenas propriedades, a distribuição da propriedade da terra se marcou pela concentração, com visível predomínio de grandes propriedades (tabela 1), onde a existência de fazendas de café com 200, 300, 400 ou mais alqueires de terra não são incomuns. Para nós esta situação era significativa já que a distribuição da propriedade fundiária, ao se apresentar de maneira concentrada, teria criado os pressupostos básicos para a retenção de capital no espaço definido pela esfera produtiva da economia regional.

6 MELO, H.P. **O café e a economia do Rio de Janeiro: 1888/1920**. Tese de Doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro, 1993.

7 PIRES, A. **Capital agrário, investimentos e crise na cafeicultura de Juiz de Fora**. Op. cit.

Quanto às transferências inter-regionais de recursos, decorrente da intermediação comercial e financeira realizada predominantemente por agentes localizados no Rio de Janeiro, o surgimento de um segmento financeiro local, delimitado e autônomo enquanto setor econômico teria aberto, pelo menos parcialmente, a possibilidade de retenção de excedente na economia da Mata mineira (tabela 2). A presença do *Banco de Crédito Real de Minas Gerais*, fundado em Juiz de Fora em 1889, pelo mero desempenho de suas funções básicas de instituição de intermediação financeira na economia regional e principal agente de financiamento de sua estrutura produtiva, acabou por romper com os laços de financiamento até então predominantes e inviabilizou um canal então existente de transferência de recursos da economia da zona da Mata para o núcleo comercial-financeiro localizado no Rio<sup>8</sup>. Deve ficar claro aqui, no entanto, que o rompimento das relações tradicionais de financiamento da economia local não correspondeu com a ruptura das condições estruturais de comercialização externa determinantes da economia regional. Ou seja, os fluxos de comercialização externa desta economia continuaram sendo realizados predominantemente no Rio de Janeiro, uma *limitação estrutural* que vai corresponder a uma de suas especificidades mais significativas, lhe configurando, como outras características próprias, uma natureza essencialmente “*marginal*” ou “*periférica*” quando comparada a outros núcleos de produção agroexportadores.

Já a caracterização da dinâmica da produção agroexportadora regional, realizada através das séries de produção de Minas Gerais e da zona da Mata, demonstrou que o impacto provocado pela abolição da escravidão seria basicamente de origem conjuntural, com a produção cafeeira do estado mantendo uma tendência ascendente em todo o período investigado (tabela 3 – gráfico 1). Além disso, pelos dados por nós coletados, pudemos verificar que a região da zona da Mata se colocou como o principal eixo de produção do conjunto do estado de Minas, sendo seguramente a principal responsável por este comportamento tendencial da produção (tabela 4). Partindo da caracterização do sistema de uso do solo predominante na produção agrária de exportação da economia regional e local, que possui uma natureza essencialmente *extensiva*<sup>9</sup>, verificamos que a região manteve condições objetivas favoráveis à expansão cafeeira (o que pôde ser avaliado pela presença de *matas virgens* no interior das unida-

8 Id. lb. Cap. 2.

9 FRAGOSO, J. **Sistemas agrários em Paraíba do Sul**. Dissertação de Mestrado, UFF, Niterói, 1983.

**Tabela 1** Participação dos grandes proprietários no conjunto da área para a Vila do Santo Antônio do Paraibuna – 1855-1856

Extensão	Número	%	Área (alqueire)	%
-200 alq.	79	78,22	4.058	25,71
+200 alq.	22	21,78	11.723	74,29
<b>TOTAL</b>	101	99,99	15.781	99,99

**Fonte:** Inventários - Juiz de Fora - 1870/1929. apud PIRES, A. Op. Cit. p. 58

**Obs.:** Não identificamos nenhuma dívida passiva nas unidades produtoras de café na década de 1920/29.

**Tabela 2** Decomposição das dívidas passivas: origem do capital de empréstimo para as unidades agroexportadoras de Juiz de Fora 1879/1919 (valores em mil-réis)

Década	Local	%	Rio de Janeiro	%	N.IDENT.	%	TOTAL
1870/79	129:488	41,79	144:477	46,63	35:854	11,57	309:819
1880/89	201:135	19,66	768:649	75,16	52:786	5,16	1.022:570
1890/99	197:998	99,39	1:211	0,60	-	-	199:209
1900/09	476:373	77,58	73:868	12,03	63:755	10,38	613:996
1910/19	96:565	88,17	2:263	2,06	10:689	9,76	109:517

**Fonte:** Registros de terra - Paróquia de Santo Antônio do Paraibuna - 1855/56 – Arquivo Público Mineiro. Apud PIRES, A. Op. Cit. p. 42

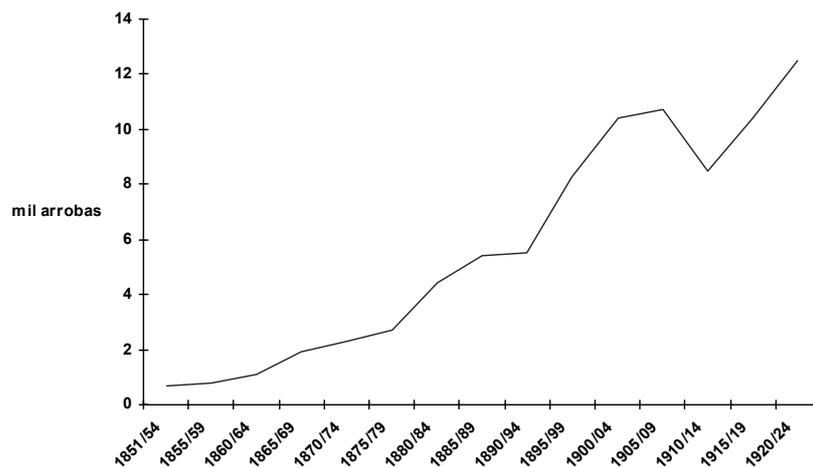
**Tabela 3** Média quinquenal da produção de café em Minas Gerais – 1850-1924 (em arrobas)

Quinquênio	Produção de café	Índice
1851/54	711.732	100,0
1855/59	809.780	113,8
1860/64	1.150.152	161,6
1865/69	1.973.591	277,3
1870/74	2.313.954	325,1
1875/79	2.797.420	393,0
1880/84	4.444.583	624,5
1885/89	5.477.724	769,6
1890/94	5.583.195	784,4
1895/99	8.399.271	1.180,1
1900/04	10.492.749	1.474,2
1905/09	10.791.373	1.516,6
1910/14	8.529.278	1.198,4
1915/19	10.412.385	1.462,9
1920/24	12.519.504	1.759,0

**Fonte:** Alvim, A. Confrontos e deduções. In: MINAS GERAIS. Secretaria da Agricultura. Minas e o bicentenário do cafeeiro no Brasil (1727/1927). Belo Horizonte. Imp. Oficial, 1929, p. 73-105. Apud GIROLETTI, D. "A industrialização..." op. cit. p. 155. Apud PIRES, A. Op. cit. 74.

**Obs.:** Para 1855/59 "a média foi calculada em bases da produção de 4 anos por falta de dados para o ano de 1887, na relação do autor citado".

**Gráfico 1** Evolução da produção de café de Minas Gerais – Médias quinquenais – 1850-1924



**Tabela 4** Participação da produção cafeeira da Zona da Mata na produção do estado de Minas Gerais (períodos selecionados)

Período	Minas Gerais	Zona da Mata	%
1847/48	745.381	743.707	99,77
1850/51	900.264	898.184	99,76
1886	5.776.866	4.316.067	74,71
1888	5.047.600	4.433.800	87,83
1903/04	9.404.136	5.993.425	63,73
1926	12.793.977	9.105.543	71,17

**Fontes:**

1. para 1847/48, 1850/51 E 1903/04 - GIROLETTI, D. "A Industrialização..." Op. cit. p. 152-156.
2. para 1886 e 1888: Zona da Mata - MELLO, P.C. Op. cit. p. 41 (apresenta os dados para Minas Gerais sem a "Zona de Santos", ou seja, o Sul de Minas).
3. para 1926: O café no segundo centenário... p. 601-604. Apud PIRES, A. Op. cit. p. 96.

**Obs.:**

1. produção em arrobas.
2. para 1903/04 os dados se referem à produção de 64 municípios mineiros (19 da zona da Mata, 19 da zona Sul, 15 do Oeste, 9 do Triângulo e 2 da zona Norte).
3. para 1886 e 1888 - dados relativos à exportação; para zona da Mata os dados se referem à Minas Gerais sem a "Zona de Santos", ou seja, o Sul de Minas; como as duas regiões são responsáveis por praticamente o total da produção do estado acreditamos que estes dados assim se aproximam muito da produção da Mata mineira.

des caracterizadas nos inventários) durante a maior parte do período considerado: a rigor, até a década de 1920<sup>10</sup>.

Guardadas as condições de acumulação do capital cafeeiro e de retenção de recursos na economia regional, pudemos perceber que a região da zona da Mata conseguiu realizar o processo da transição capitalista em alguns de seus elementos mais significativos. Cabe destacar, entre tais elementos, aqueles relativos à constituição de um *mercado de trabalho* na região<sup>11</sup>. Aqui, novamente contrário às interpretações da historiografia predominante, verificamos que na zona da Mata ocorreu, no pós-abolição, uma intensa variedade na constituição das relações de trabalho e que várias delas corresponderam à remuneração monetária<sup>12</sup> (tabela 5), trazendo para o próprio seio da economia regional as conseqüências mais importantes desta transformação estrutural<sup>13</sup>: a dinamização de um mercado interno de bens assalariados (com o respectivo impulso ao processo de industrialização local) e a ampliação dos níveis gerais de monetização da economia, provocando uma maior demanda por liquidez por parte dos agentes econômicos e uma tendência de maior aproximação entre a estrutura produtiva e o segmento financeiro recém surgido na economia da Mata.

É importante notar, portanto, que se pode vislumbrar que a evolução e organização interna das estruturas sócio-econômicas da zona da Mata de Minas

10 O predomínio do processo de acumulação de capital cafeeiro na determinação da dinâmica econômica do sistema regional pode também ser aquilatado pelos dados disponíveis sobre a produção agrícola da região por volta de 1920. Neles podemos perceber que a área dedicada à cafeicultura constitui a significativa maioria no conjunto da área cultivada nos principais municípios da Zona da Mata; só para citar alguns exemplos, em Juiz de Fora esta proporção atinge 64,45%; em Leopoldina 65,12; Carangola 71,01; Muriaé 73,56; Ubá 64,44 e Cataguases 72,18. Ver MINAS GERAIS. **Minas segundo o recenseamento de 1920**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1924. p. 174-178. Ver também PIRES, A. Op. cit. Cap. 3.

11 Ver LANA, A. L. (1985). **A transformação do trabalho**: a passagem para o trabalho livre em Minas Gerais 1870/1920. Dissertação de Mestrado, Unicamp; SARAIVA, L.F. **Um correr de casas, antigas senzalas**: a transição do trabalho escravo para o livre em Juiz de Fora – 1870/1900. Dissertação de Mestrado, UFF, Niterói, 2001.

12 Para se ter uma idéia, no município de Juiz de Fora em torno dos anos 1895-1896 havia cerca de 280 mil libras em circulação na economia como decorrência do pagamento de salários no setor cafeeiro (algo em torno de 40% da renda anual das exportações). Ver PIRES, A. Op. cit. Cap.4.

13 Ver entre outros MELLO, J. M. **O capitalismo tardio**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1982; SILVA, S. (1977). **Expansão cafeeira e as origens indústria no Brasil**. São Paulo: Alfa Omega; VILLELA, A.; SUZIGAN, W. **Política do governo e crescimento da economia brasileira – 1889/1945**. Rio de Janeiro: IPEA, 1973.

**Tabela 5** Relações de trabalho em alguns municípios da Zona da Mata em 1905

Município	Relações de trabalho
1. Juiz de Fora	contrato, salário, meação
2. Rio Novo	meação, salário
3. São João Nepomuceno	meação, salário
4. Rio Pomba	meação, salário, contrato
5. Guarará	meação, salário, contrato
6. Mar de Espanha	meação, salário, empreitada
7. Rio Preto	meação, salário
8. Viçosa	meação, salário, empreitada
9. Rio Branco	meação, salário, empreitada
10. Além Paraíba	meação, salário, empreitada
11. Muriaé	meação, salário
12. S. Manoel	meação, salário, empreitada
13. Carangola	meação, salário
14. Leopoldina	meação, salário
15. Cataguases	meação, salário
16. Ubá	meação, salário

**Fonte:** Relatório C. Prates. Apud. LANA, A. Op. cit. p. 147-50 - Anexo I. Apud PIRES, A. Op. cit. p.123.

Gerais mantinham várias características que permitiam sua definição como espaço econômico próprio e delineado, dotado de especificidades que permitiam sua delimitação e diferenciação frente aos principais pólos de produção agroexportadores que se desenvolveram no país no mesmo período (principalmente Rio e São Paulo). Em outras palavras, deve ser destacado que a região da Zona da Mata mineira sofreu um processo significativo de diversificação econômica<sup>14</sup>, induzido pela expansão das exportações, que se concretizou num espectro relativamente variado de setores e atividades presentes no próprio espaço regional (um setor financeiro e bancário, serviços públicos, produção agrícola de subsistência, transportes e comercialização, entre outros), cujo relacionamento recíproco permite sua caracterização como um “complexo agroexportador”<sup>15</sup> (ou um *sistema sócio-espacial*), mesmo que várias de suas características lhe confirmem, como já tivemos oportunidade de afirmar, uma natureza visivelmente “secundária” ou “periférica” frente aos complexos identificados com o Rio de Janeiro ou São Paulo.

Um movimento de diversificação urbano-industrial induzido pelas exportações<sup>16</sup>, no qual o processo de industrialização é apenas uma de suas variantes, representa na verdade a concretização de diversos setores e atividades econômicas que, apesar de não se identificarem de imediato com a cultura de exportação, estavam diretamente vinculadas a ela, já que, em última instância, procuravam satisfazer distintas demandas geradas na própria estrutura de produção cafeeira que, através de *efeitos de encadeamento* de vários matizes e formas, correspondiam na verdade a um processo contínuo de internalização

14 Que tem sido suficientemente descrito, mesmo que a partir de outra perspectiva, por vários trabalhos da historiografia regional. Ver principalmente GIROLETTI, D. **A industrialização de Juiz de Fora**. Op. cit. e GIROLETTI, D. **A modernização capitalista em Minas Gerais**. Tese de Doutorado, Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro, 1987.

15 Para a conceituação da noção de “complexo agroexportador” ver CANO, W. **Raízes da concentração industrial de São Paulo**. São Paulo: Difel, 1977.

16 HIRSCHMAN, A. Desenvolvimento por Efeitos em Cadeia: uma abordagem generalizada. In: SORJ, B. et al. **Economia e movimentos sociais na América Latina**. São Paulo: Brasiliense, 1985; BALDWIN, R. Padrões de desenvolvimento nas regiões de colonização recente. In: SHWARTZMAN, J. **Economia regional: textos escolhidos**. Belo Horizonte: CEDEPLAR/REDE MINTER, 1977.

das condições de “re-produção” das estruturas sócio-econômicas locais e dos fluxos de financiamento que lhe eram correspondentes<sup>17</sup>.

### III – Estrutura e evolução industrial

A partir do impulso representado pela abolição da escravidão, com seus corolários necessários de elevação generalizada dos níveis de monetização da economia e ampliação da demanda agregada para patamares até então inexistentes (ambos os elementos fundamentados na capacidade de geração de renda do setor cafeeiro, entre outros) são visíveis os elementos que indicam o crescimento urbano e industrial do município. Se considerarmos o censo industrial realizado em 1905 como a primeira referência importante da industrialização local, já são visíveis algumas de suas características que convém analisarmos mais detidamente aqui. De início, cabe esclarecer a posição que o parque industrial do município vai assumir frente ao conjunto do estado de Minas Gerais nesta época. A industrialização de Minas Gerais, especialmente a de seu ramo têxtil, tem sido caracterizada pela dispersão territorial, com a maioria dos autores destacando o fato de que sua maior presença, até o início do século XX, em regiões não vinculadas ao mercado externo como um sintoma de sua relação independente com o setor agroexportador, ao contrário de outras regiões do país<sup>18</sup>. Aí residiria uma das especificidades mineiras e muitas vezes esta situação é confundida com o fato de que naquelas regiões em Minas onde predominou a agricultura de mercado externo, a indústria não teria qualquer relação com o café<sup>19</sup>.

De qualquer forma, como alguns destes autores reconhecem, na medida em que avança o século XIX, a tendência de localização industrial na província mineira vai paulatinamente se modificando, deixando de se concentrar nas regiões Norte e Centro para se concentrar na Mata. Assim, por exemplo, das 19

17 SWEIGART, J. **Finance and Marketing Brazilian Export Agriculture: The Coffee Factors of Rio de Janeiro, 1850-1888**. PhD Thesis, University of Texas, 1980; GREEN, G. **Finance and Economic Development in the Old South**. Stanford University Press, 1972; GURLEY, J. and SHAW, E. Financial aspects of economic development. In: CAMERON, R. **Financing Industrialization**. Edward Elgar Publishing, Cambridge, 1992. v. 2.; ODDEL, K. **Capital Mobilization and Regional Financial Markets, 1850-1920**. Garland Publishing, New York and London, 1992.

18 VERSIANI, M.T. **The Cotton Textile Industry of Minas Gerais, Brazil: Beginnings and Early Development, 1868-1906**. Op. cit.; GIROLETTI, D. **A modernização capitalista em Minas Gerais**. Op. cit.; LIMA, J.H. **Café e indústria em Minas Gerais**. Op. cit.

19 Ver especialmente LIMA, J.H. Op. cit.

fábricas fundadas no estado entre 1901 e 1910, 12 se localizavam na Mata, sendo 7 em Juiz de Fora<sup>20</sup>. Articulada ao mercado do Rio de Janeiro pela rede ferroviária, de onde recebia boa parte dos produtos manufaturados de sua necessidade, a Mata mineira desconheceu, até o final do século XIX, boa parte dos fatores que levaram ao desenvolvimento industrial *têxtil* das regiões mais centrais de Minas: a distância dos centros fornecedores e precariedade do sistema de transportes que encareciam a tal ponto os produtos que tornava a produção local viável, mesmo que a custos superiores<sup>21</sup>.

Sendo assim, já no início do século XX, Juiz de Fora mantinha a posição de principal centro industrial de Minas, superando, inclusive, sua capital, Belo Horizonte. Os dados do Censo de 1905, organizados por regiões e municípios, deixam claras as tendências de concentração industrial no município, não só em relação à região que servia como referência, mas também com relação a todo o estado (tabela 6). Por estes dados percebemos que a cidade, *isoladamente*, detém em relação ao *conjunto do estado*, 8% do número de estabelecimentos, 22% do capital, 16% do número de operários e cerca de 26% do valor total de sua produção industrial. Tais números são, em relação à zona da Mata, de 22, 56, 50 e 59%, respectivamente. Para verificarmos melhor as proporções do parque industrial do município em relação à região e ao estado podemos comparar as proporções de capital, operários e produção por estabelecimento industrial, a partir das quais podemos vislumbrar que, para além da concentração, a *estrutura* da indústria local se diferenciava significativamente daquela que caracterizava o conjunto do estado de Minas Gerais.

Assim, a indústria de Juiz de Fora superava em média algo em torno de 157% a indústria de Minas no que se refere à proporção de capital por estabelecimento (136,25 contos contra 53), 96% no que se refere ao número de operários por estabelecimento (35,25 operários contra apenas 18) e em mais de 210% a proporção do valor da produção por estabelecimento (193,27 contos contra 62). Juiz de Fora, aparentemente, não só concentrou a indústria no território mineiro como também mantinha uma estrutura industrial caracterizada por unidades maiores, mais capitalizadas e com maior capacidade de produção.

Todos estes dados podem ser referendados se compararmos o valor da produção dos 10 maiores centros industriais do estado ainda em 1907 (tabela 7). Nele percebemos que o valor da produção de Juiz de Fora supera em 231,7% o valor da produção do segundo maior produtor do estado e em 468% a produ-

20 GIROLETTI, D. **A modernização capitalista em Minas Gerais**. Op. cit., p. 81 ss.

21 VERSIANI, **The Cotton Textile Industry of Minas Gerais, Brazil: Beginnings and Early Development, 1868-1906**. Op. cit.; GIROLETTI **A modernização capitalista em Minas Gerais**. Op. cit.

**Tabela 6** Participação da indústria de Juiz de Fora em relação ao Estado e à Zona da Mata de Minas Gerais – 1907

	Minas Gerais	Zona da Mata	Juiz de Fora	% MG	% ZM
<b>Número de estabelecimentos</b>	524	192	43	8,20	22,34
<b>Capital *</b>	26.515	10.459	5.859	22,09	56,01
<b>Nº OPER.</b>	9.421	2.997	1.516	16,09	50,58
<b>Produção</b>	32.444	14.070	8.341	25,86	59,28
<b>CAP./EST.*</b>	53	54,47	136,25	+157	+150
<b>OPER./EST.*</b>	18	15,60	35,25	+96	+125
<b>PROD./EST.*</b>	62	73,28	193,27	+213	+164

**Fonte:** O Brasil, suas riquezas naturais, suas indústrias. Rio de Janeiro, M. Osasco e Cia., 1909. Apud. LIMA, J.H. Op. cit. p. 96-100. Tabela XVIII.

\* Em contos.

**Tabela 7** Relação dos 10 maiores municípios industriais pelo valor da produção – 1907

Município	Valor da Produção Industrial (em contos de réis)	%
1. Juiz de Fora	8.341	46,81
2. Sete Lagoas	2.514	14,11
3. Belo Horizonte	1.468	8,23
4. Palmyra	1.099	6,16
5. Prados	1.044	5,85
6. Ouro Preto	750	4,20
7. S. J. Nepomuceno	744	4,17
8. Ponte Nova	642	3,60
9. Cataguases	632	3,54
10. Baependi	582	3,26
<b>TOTAL</b>	<b>17.816</b>	<b>99,93</b>

**Fonte:** Ver tabela 06.

ção da sua capital, Belo Horizonte. Para o conjunto da amostra, que atinge 17.816 contos de réis, a participação de Juiz de Fora é quase de 50% (46,81%), enquanto o segundo lugar participa com apenas 14,11% e a capital com 8,23%.

Para além disso, se considerarmos a produção dos principais municípios cafeeiros que aparecem na amostra (em sua maior parte localizados na zona da Mata) em conjunto obtemos a cifra de 10.359 contos, correspondente a quase 60% de seu valor total. Há algo de equivocado na hipótese que de que, para o conjunto do estado de Minas Gerais, o processo de industrialização esteve completamente desvinculado da produção cafeeira.

Contudo, o porte médio da indústria de Juiz de Fora quando comparado àquele dos principais centros industriais do país no mesmo momento, revela uma situação bastante diferenciada. Tanto no que se refere às proporções de capital, valor da produção e operários por estabelecimento, percebemos que a estrutura industrial do município é significativamente inferior (tabela 8) àquelas que caracterizaram aqueles centros.

Vinculada tanto pela via da formação de capital, quanto pela de mercado de realização da produção a uma cafeeicultura que manteve um comportamento sensivelmente dinâmico no correr de todo o período desta análise (mas que apresentou visíveis limites a este comportamento, determinado pelo fechamento da fronteira, o que lhe valeu, também aqui, uma posição periférica frente aos principais centros produtores), a industrialização de Juiz de Fora vai refletir a mesma posição ocupada pela cafeeicultura no contexto do país. *Estamos diante de uma industrialização periférica, secundária frente aos grandes centros de produção industrial, apesar de sua importância no âmbito regional; uma industrialização cuja fragilidade é um reflexo da própria estrutura que a gerou, e que vai se expressar no período posterior a 1930, quando paralelamente à constituição de um mercado nacional sofre um suposto processo irreversível de estagnação e decadência*<sup>22</sup>.

Esta situação deve ter se mantido, ou mais, se agravado, na década de 1920. No entanto a condição periférica do “complexo” que estamos querendo caracterizar aqui em nada influencia a análise, pelo contrário, constitui na verdade seu *pressuposto*, tendo em vista os diversos condicionantes que lhe determinaram esta posição. É o contexto sócio-econômico de Minas que deve ser privilegiado na análise comparativa que queremos realizar.

Se nos restringirmos ainda aos dados oficiais dos censos, desta feita àquele realizado em 1919, aparentemente a posição do município de Juiz de Fora frente ao conjunto do estado, não se alterou de forma significativa. No que se refere ao valor da produção, por exemplo, o município continua a manter

22 PIRES, A. Op. cit. p. 134.

sua posição de principal centro industrial de Minas, como demonstram os dados da tabela 9.

É de se perceber, de início, uma *visível perda da posição relativa dos municípios produtores de café na amostra*. Neste momento sua posição relativa é de apenas 37% da produção total da amostra. Por outro lado, há também visível elevação dos municípios localizados no centro do estado (47%), o que pode ser explicado pelo impulso da indústria baseada na metalurgia, entre outros setores, e no grande crescimento industrial de Belo Horizonte (e municípios próximos como Nova Lima e Ouro Preto), fundamentado basicamente na sua posição de capital, seu vertiginoso crescimento urbano e no *amparo que recebeu do aparelho público como parte integrante de uma estratégia de integração regional de âmbito estadual e política econômica seguidas por parte do governo de Minas*<sup>23</sup> e que em última instância acabará por se colocar como um importante elemento da decadência industrial do município de Juiz de Fora a partir da década de 1930<sup>24</sup>. O deslocamento do aparelho público, no âmbito estadual, em relação ao espaço onde se concentrava a produção agroexportadora, aqui considerado como o componente fundamental dos efeitos de encadeamento de natureza fiscal, já se fazia sentir. Configura-se, mais uma vez, também para o contexto mineiro, a natureza periférica do sistema e do processo de industrialização de Juiz de Fora.

Em um contexto como este, na verdade, é de surpreender a permanência da posição do município como o mais importante centro industrial do estado ainda no início da década de 1920. A diferença do valor da produção de Juiz de Fora frente à capital ainda é, apesar de tudo, de cerca de 74%; no que se refere ao número de operários esta diferença sobe para cerca de 200%. Se compararmos, de acordo com o mesmo censo, o capital empregado na indústria do município (26.248 contos) com aquele do conjunto do estado de Minas (89.768) verificamos que Juiz de Fora detém 29% do referido capital, a mesma proporção no que se refere ao valor da produção (33.250 contos para 172.055). Considerando o município como o centro urbano de referência de uma região que sofria um importante processo de diversificação agrícola, mas que permanecia essencialmente agroexportadora, podemos sustentar, ainda, que *se houve uma industrialização desvinculada da produção primária para o mercado externo em Minas, o que não pode ser dito em relação à zona da Mata*.

Se tivermos em mente a posição *relativamente* marginal do município no que se refere aos objetivos da esfera pública, também surpreende seu cresci-

23 SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana**. São Paulo: Nacional, 1968.

24 PAULA, M. C. (1976). **As vicissitudes da industrialização periférica: o caso de Juiz de Fora**. Dissertação de Mestrado, UFMG, Belo Horizonte.

**Tabela 8** Participação da indústria de Juiz de Fora em comparação com alguns municípios industriais do País – 1907

	<b>Distrito Federal</b>	<b>São Paulo</b>	<b>Rio de Janeiro</b>	<b>Juiz de Fora</b>
<b>CAPITAL/ESTAB.*</b>	254	393	415	136,25
<b>OPER./ESTAB.</b>	52,6	74,2	69,8	35,25
<b>PROD./ESTAB.*</b>	334	362	270	193,97

**Fonte:** Ver tabela 7.

\* Em contos.

**Tabela 9** Municípios mais industrializados de Minas Gerais – 1920

<b>Municípios</b>	<b>Valor da Produção</b> (em mil contos de réis)	<b>Pessoal Ocupado</b>
1. Juiz de Fora	33	4.953
2. Conselheiro Lafaiete	19	1.650
3. Belo Horizonte	18	2.223
4. Nova Lima	16	3.395
5. Santos Dumont	13	520
6. Ouro Preto	08	884
7. Oliveira	07	320
8. São João Nepomuceno	05	872
9. Itajubá	05	599
10. Ponte Nova	05	508
<b>TOTAL</b>	129	15.924

**Fonte:** SINGER, P. **Desenvolvimento econômico e evolução urbana.** Op. cit. p. 236.

mento industrial entre 1905 e 1920. Em valores nominais, sua produção cresce 298% no período; o número de estabelecimentos, 332% (de 43 em 1907 para 186 em 1920) e o pessoal ocupado cerca de 227%. Cabe-nos aprofundar nos fatores explicativos deste crescimento industrial e na estrutura que vai caracterizá-lo, sempre tendo em vista o contexto agroexportador no qual estava inserido e nos efeitos de encadeamento que os interligaram. Neste sentido talvez seja interessante observar a seguinte afirmação, feita por um contemporâneo:

Fator principal de toda a expansão manufatureira que vimos de assinalar, foi a sabia e vigorosa iniciativa individual que dotou o município de vastos estabelecimentos rurais, transformando-o, em breve período, no principal centro agrícola do estado, pela opulenta produção de suas terras. Essa produção é realmente notável, sobressaindo a do café, em que o município de Juiz de Fora ocupa, no Brasil, um dos primeiros lugares.<sup>25</sup>

A estrutura industrial do município em torno de 1907 e 1908 revela que a maior parte das indústrias se vinculava a uma estrutura de demanda em que predominava os bens de consumo leves, relacionados, direta ou indiretamente, à renda gerada pelo setor de exportações (*efeito de encadeamento de consumo*). Neste caso, como o de outras experiências de industrialização experimentadas em áreas predominantemente agroexportadoras do país<sup>26</sup>, setores como têxtil, calçados, móveis, alimentos, moagem de cereais, curtume e artigos de couro, cigarros, entre outros, aparentemente predominam na estrutura industrial local (tabela 10).

A fonte nos fornece basicamente os dados do Censo de 1907 *complementados com algumas outras indústrias*, mas não dispomos de elementos completos sobre capital, valor da produção, número de operários etc., inviabilizando uma análise mais profunda, mesmo que, no entanto, indiquem claramente a relação entre o setor agroexportador e a estrutura industrial que se desenvolveu no município de Juiz de Fora no período em referência. É de se fazer notar neste sentido, por exemplo, que o setor têxtil mantinha uma produção voltada para um mercado de consumo assalariado ao menos em parte representado pelo setor agrícola, como indica a seguinte afirmação, retirada de um relatório da Companhia Industrial Mineira, em 1905, quando a região vivia uma de suas maiores crises no setor cafeeiro e ressaltando que a Companhia

25 **Jornal do Commercio** (JC) 03/01/1903

26 SUZIGAN, W. **Indústria brasileira: origem e desenvolvimento**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

**Tabela 10** Estrutura industrial em Juiz de Fora – 1907/1908

<b>Setor</b>	<b>Número de Indústrias</b>
1. Cerveja e bebidas	07
2. Tecelagem e malharia	06
3. Laticínios	06
4. Fundição e mecânica	05
5. Curtume e artigos de couro	05
6. Alimentícia (doces, massas e banha)	05
7. Cerâmica	04
8. Calçados	04
9. Fumos preparados	03
10. Móveis	03
11. Tintas	03
12. Moagem de cereais	02
13. Ladrilhos	01
14. Sabão e velas	01
15. Perfumaria	01
16. Vassouras	01
<b>TOTAL</b>	<b>57</b>

**Fonte:** Ver tabela 9.

estava se voltando continuamente para o mercado do Rio desde o final do século XIX, como afirma Versiani.

De acordo com o Conselho da Diretoria, o aumento no valor externo do mil réis não apenas acarretou uma paralisação geral dos negócios como também diminuiu a demanda por têxteis na medida em que reduziu a renda dos fazendeiros em mil réis. Como afirmado pelo Conselho, esta apreciação das taxas de câmbio reduziu “os recursos daqueles que trabalham no setor agrícola, que são nossos principais consumidores”.<sup>27</sup>

Também no setor de mecânica podemos vislumbrar as articulações que se estabeleceram entre a agricultura de mercado externo (ou interno) com o setor industrial. A *fundição Kasher*, por exemplo, apesar de possuir uma produção extremamente diversificada, como a fabricação de ferros de engomar, carros e carroças, fundição de ferro e bronze etc., registra, num informe de 1901, que é especializada em máquinas agrícolas<sup>28</sup>. Ou a firma Leite, Fonseca e Cia., que adquiriu a antiga Companhia Mechanica Mineira em 1904<sup>29</sup>, cujas especialidades eram “...máquinas para a lavoura, wagons e wagonetes”<sup>30</sup>. Um outro informe de 1901 se refere da seguinte maneira aos seus produtos:

Merece ser citado o seu descascador ‘Rápido’ que, sem quebrar o café, descasca 700 arrobas, em 10 horas e o brunidor ‘Mineiro’, que dá uma média de 500 arrobas, por 10 horas de trabalho.<sup>31</sup>

O mesmo servindo para a Fundição George Grande, um dos mais importantes estabelecimentos do setor no município, que tinha “*especialidade em carros, bonds e machinas para a lavoura*”<sup>32</sup>.

É claro que este mercado de consumo é representado diretamente apenas em parte pela agricultura de exportação. *Além de outros produtos agrícolas, que*

27 VERSIANI, M.T. **The Cotton Textile Industry of Minas Gerais, Brazil: Beginnings and Early Development, 1868-1906.** Op. cit. p. 351, grifo nosso.

28 **Jornal do Commercio** (JC) 03/01/1901.

29 **O Pharol** (PH) 04/02/1904.

30 PH 01/01/1901.

31 JC 03/01/1901.

32 PH 01/01/1901.

**Tabela 11** Indústrias existentes em Juiz de Fora – 1907

Indústrias	Proprietários	Capital	Força	Valor da produção	Nº de operários
1. Tecidos de algodão	Cia. Industrial Mineira	2.222.042\$	300 HP	4.050.000 m algodão	400
2. Tecidos de algodão	Viúva Bernardo Mascarenhas	600:000\$	120 HP	600.000 m algodão	200
3. Tecidos de algodão	Banco de Crédito Real de Minas Gerais	100:000\$	60 CV	300.000 m algodão	60
4. Tecidos de malha	Antônio Meurer	250:000\$	10 HP	60.000 dz. meias	35
5. Tecidos de malha	Galiette Montreuil	50:000\$	14 HP	4.000 dz. meias	15
6. Tecidos de malha	José M. Pacheco	50:000\$	20 HP	12.000 dz. meias	40
7. Fumos preparados	Dias Cardoso & Cia.	60:000\$	5 HP	150:000\$	9
8. Fumos preparados	Juliano R. George*	10:000\$	3 HP	8:000\$	2
9. Fumos preparados	João Gama	30:000\$	vapor	60:000\$	8
10. Perfumaria	Macedo & Cia.*	-	-	-	-
11. Fundação e obras sobre metais	Leite & Fonseca	100:000\$	25 CV	160:000\$	22
12. Fundação e obras sobre metais	George F. Grande	80:000\$	14 CV	90:000\$	15
13. Produtos cerâmicos	Alencar Tristão	15:000\$	Manual	109:000\$	7
14. Produtos cerâmicos	Manoel J. Pacheco	5:000\$	-	15:000\$	4
15. Produtos cerâmicos	Pedro Truponi (?)	3:000\$	-	10:000\$	4
16. Produtos cerâmicos (Água Limp a)	José Carneiro Pinto*	3:000\$	Manual	4:000\$	2
17. Curtume	Detlef Krambeck	300:000\$	160 CV	184:000\$	30
18. Curtume	Camilo Leger	20:000\$	Manual	20:000\$	8
19. Curtume	José Tortoriello	60:000\$	6 CV	24:000\$	9
20. Curtume	Vicente Peregrino & Irmão	12:000\$	Manual	6:000\$	3
21. Selins	Gustavo P. Mattos*	-	-	-	-

Continua na próxima página.

Continuação da página anterior.

34. Moagem de cereais	Christovão Andrade & Cia.	20:000\$	20 CV	97:600\$	6
35. Massas alimentares	Jorge, Irmão & Couris	100:000\$	25 CV	110:000\$	28
36. Massas alimentares	Bertoletti, Irmão & Cia.	100:000\$	6 CV	92:000\$	30
37. Fábrica de cerveja	Freez & Irmão	60:000\$	Manual	82:000\$	8
38. Fábrica de cerveja	Viúva Kremer de Castro	200:000\$	50 CV	490:000\$	30
39. Fábrica de cerveja	Carlos Stiebler	100:000\$	20 CV	371:000\$	15
40. Fabrica de cerveja	Jose Weiss	50:000\$	Manual	52:800\$	10
41. Fábrica de manteiga	Teixeira Leite Jr. & Cia.	53:000\$	12 CV	80:000\$	26
42. Fabrica de manteiga	Custódio A. da Costa	30:000\$	4 CV	47:200\$	8
43. Fábrica de manteiga	Viúva Kremer de Castro	6:000\$	Manual	13:600\$	4
44. Fábrica de manteiga	Viúva Maldonado	25:000\$	Manual	128:100\$	11
45. Fábrica de manteiga	Eloy P. Braga	-	-	-	-
46. Fábrica de manteiga (em Paula Lima)	Xavier Ribeiro*	12:000\$	Manual	23:000\$	7
47. Fábrica de vassouras	José Garcia Jr.*	30:000\$	5 CV	10:000\$	-
48. Bebida e licores	Antônio J. do Vale*	3:000\$	Manual	5:000\$	-
49. Móvel e decoração	Paulo Mortensi	8:000\$	Manual	26:000\$	6
50. Móvel e decoração	Corrêa & Corrêa	65:000\$	20 CV	80:000\$	14
51. Móvel e decoração	V. Cordiale e Contrucci	5:000\$	Manual	21:000\$	5
52. Calçados	Corrêa & Corrêa*	-	-	-	-
53. Calçados	Chelini & Irmão*	-	-	-	-
54. Calçados	Adolpho Tirapari*	-	-	-	-
55. Calçados	Santos Magon*	-	-	-	-
56. Ferraria e carruagens	Henrique Surerus & Irmão	-	20 CV	-	-
57. Banha	Costa & Irmão*	25:000\$	Manual	60:000\$	6

**Fonte:** JACOB, R. **Minas no XXº Século**. p. 315-16. Apud ANDRADE, S. **A Classe Operária em Juiz de Fora**. p. 25-7, que observa:

1. O quadro acima é parte do Quadro 01 que traz a indústria de todos os municípios mineiros.
2. Embora o autor não cite a fonte, este quadro é constituído com os dados do Censo de 1907.

**Obs.:** Os estabelecimentos assinalados (\*) são acrescentados pelo autor aos registrados pelo Censo de 1907.

avançam na medida em que o café paulatinamente encontra seus limites de expansão, processo do qual o setor de laticínios é emblemático<sup>33</sup>, o mercado representado pelo setor urbano é cada vez mais importante. É difícil estabelecer com precisão os limites entre os universos aqui considerados. Mas deve ser esclarecido que também este crescimento urbano está vinculado, de uma forma ou de outra, com a dinâmica do setor de exportação. Dessa forma surgem os *vínculos indiretos dos efeitos de encadeamento de consumo*<sup>34</sup>, responsável em grande parte pela diversificação que já caracteriza a estrutura industrial do município, em que pese um tamanho médio relativamente pequeno das unidades fabris. Assim, os setores de bebidas, curtume, cerâmica, sabão e velas, móveis, além da própria diversificação da produção do setor têxtil (com tecidos mais elaborados) e mecânica (que além das máquinas agrícolas possui produção visivelmente vinculada à diversificação do consumo a que estamos nos referindo), ganham aqui seu significado.

#### IV – Considerações finais

Esperamos que com os dados apresentados no estreito espaço desta análise tenha ficado claro que a emergência e o desenvolvimento de uma estrutura urbana e industrial no interior da economia da Zona da Mata se tornam impensáveis fora do contexto econômico em que ocorreu e no qual houve uma visível predominância da estrutura agroexportadora, tanto na determinação da renda quanto na formação do excedente no interior da economia. Assim, o setor agroexportador vai se constituir não só como um importante espaço para a efetivação do processo de realização dos produtos e serviços oferecidos pelo setor urbano-industrial, como também uma fonte geradora de recursos que direta ou indiretamente acabarão por atingir este mesmo setor, estimulando sua diversificação e crescimento econômico no seio da economia regional. De qualquer forma evidencia-se a natureza de reciprocidade nas relações econômicas intersetoriais que se estabeleceram nesta economia, sob a égide do movimento de reprodução e do processo de acumulação de capital efetivados em seu núcleo agroexportador.

33 Ver DESTRO, J.A. **Do café para o leite**: a pecuária como alternativa econômica ao café – 1896/1940. Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em História de Minas Gerais, UFJF, mimeo., Juiz de Fora, 2002.

34 SUZIGAN, W. **Indústria brasileira**: origem e desenvolvimento. Op. cit. p. 117-18.